

NOTA DO EDITOR

O Único Sobrevivente, o Único Significado

But soon we shall die and all memory of those five have left the earth, and we ourselves shall be loved for a while and forgotten. But the love will have been enough; all those impulses of love return to the love that made them. Even memory is not necessary for love. There is a land of the living and a land of the dead and the bridge is love, the only survival, the only meaning.

Thornton Wilder

Tony Blair, o primeiro-ministro britânico, leu esta passagem, num serviço religioso, em Nova Iorque, alguns dias depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001. Trata-se da sentença célebre com que Thornton Wilder termina *The Bridge of San Luis Rey*, o clássico americano, publicado em 1927 e que, no ano seguinte, ganhou o Prémio Pulitzer para ficção¹. O livro é sobre a impossibilidade de conhecer o significado último do encontro humano com a tragédia e o amor. No Peru colonial do início do século XVIII, um monge assiste à queda, ao longe, de uma ponte suspensa sobre um abismo dos Andes, uma velha ponte de corda do tempo dos Incas, que ocasiona a morte de cinco pessoas. O objectivo do monge, então, é provar a existência de um propósito divino no destino dos seres humanos, procurando descobrir uma explicação última para que a tragédia aconteça na vida das pessoas. Mas o monge não é capaz de chegar a uma conclusão. Investigando o passado de cada uma das vítimas do colapso da ponte, não consegue estabe-

¹ Thornton Wilder, *The Bridge of San Luis Rey*. Prefácio de Russel Banks. Nova Iorque: HarperCollins Publishers, 2003. Na verdade, este foi o primeiro de três prémios Pulitzer que Wilder Thornton (1897-1975) recebeu, como novelista e autor de teatro.

lecer uma divisão canónica entre o castigo para os pecadores e o prémio para os justos.

As ideias com que Wilder conclui o livro – e que se tornaram um aforismo religioso moderno – é que o ponto em comum, na vida daquelas cinco pessoas, é, na verdade, que todas elas estavam ligadas a outras pessoas, na vida, por laços de amor. Este amor constitui a ponte que liga os sobreviventes, ou a ‘terra dos vivos’, àqueles que foram amados e partiram, a ‘terra dos mortos’. O único significado, o único sobrevivente, no abismo da vida, é o amor que liga os que partiram e os que ficaram por mais algum tempo, do lado de cá da ponte. Porque ‘todos os impulsos de amor voltam ao amor que os criou’, o que é, antes de mais, uma representação do próprio sentido de ‘ponte’, uma vez que toda a ponte pertence aos dois lados de um abismo. E não é simplesmente a memória daqueles que se amaram que mantém os laços entre os vivos e os mortos. O amor é uma força que continua depois da morte e depois de toda a lembrança desse amor no mundo.

O teólogo e rabino americano David Novak explica, do seguinte modo, o sentido religioso da sentença de Thornton Wilder : ‘Se o amor, como Wilder parece dizer, é um *estado de ser* [...], então é concebível que o amor possa transcender pessoas e memórias individuais. Mas se o amor é um acto, então é somente uma pessoa que pode conscientemente fazê-lo. Se, então, nós podemos amar com um amor que não morre, é somente porque nós fomos amados por Deus’². O amor atravessa o abismo da vida, porque Deus pertence aos dois lados.

Estas afirmações são, contudo, para a mentalidade secularista, puro sentimentalismo metafísico ou a mentira fundadora entre a teologia erudita e a metafísica popular. A questão nova, porém, é que o significado último da vida tornou-se hoje um importante problema político, particularmente expresso nas controvérsias acerca da pesquisa de células embrionárias, o aborto, a eutanásia e o suicídio assistido, ou seja, o direito do indivíduo, com uma doença terminal, escolher as condições da sua própria morte, em oposição à persuasão religiosa de que ninguém pode intervir sobre o fim da vida senão Deus.

Laura Ferreira dos Santos aborda o problema, num artigo que desafia formas narrativas convencionais, confluindo narrativa e imagem, e inspirado pela obra do médico e crítico americano Timothy E. Quill.

² David Novak, *Jewish Social Ethics*. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 1992. p.103, n.110. Itálico original.

O argumento de Quill expressa, no essencial, a narrativa dos defensores do suicídio assistido na discussão pública, hoje, nos Estados Unidos, sobre esse tema. Assim, uma vez que as doenças sem cura e que produzem grande sofrimento são, literalmente, uma tragédia, a questão é devolver às pessoas as condições de dignidade para recuperarem algum poder na consumação da sua própria tragédia. O suicídio assistido, não-criminalizado, regulado pela lei e como medida de último recurso, seria o meio de as pessoas poderem morrer acompanhadas, por médicos e por aqueles que amam, na hora final, escapando à experiência do isolamento e da solidão tão brutalmente associada ao fim da vida neste tipo de adeus.

Nesta imagem do suicídio assistido, a tragédia da vida real parece convertida numa dramaturgia, uma espécie de ‘cena final’ com vários participantes, permitindo ao indivíduo recuperar, dramaturgicamente, um senso de auto-controle sobre o destino trágico. E parece ainda tratar-se de uma racionalização secular da ideia mais teofânica de Thornton Wilder, segundo a qual a tragédia e o amor, as duas experiências mais radicais da vida, são o que, de alguma forma, liga todos os seres humanos com a sua própria morte e com a morte dos outros. A dramaturgia do suicídio assistido seria, assim, a expressão do reconhecimento do direito do indivíduo fechar a última cena da sua vida, simultaneamente como autor e actor, no cenário jurídico e cultural de uma democracia secular.

Precisamente, Laura Ferreira dos Santos captura este sentido de imagem e dramaturgia, explorando a ideia de um tríptico, para retratar diferentes histórias contemporâneas de suicídio assistido, relacionando Timmothy E. Quill com Freud. O significado da última cena da vida aparece aqui, podemos dizer, como a última cena do filme da vida. A própria ideia do tríptico medieval, de certa forma, antecipa, historicamente, o princípio moderno do filme, na medida em que as diferentes imagens – inclusive o facto de que a parte posterior de cada quadro é pintada também – sucedem-se, diegeticamente, contando uma história, ou melhor, sobrepondo diferentes histórias, diferentes ordens de leitura e mesmo diferentes interpretações. Neste sentido, Laura Ferreira dos Santos parece fazer, neste artigo, um exercício semelhante ao que Richard Schechner descreve como a ‘restauração do comportamento’ ou ‘comportamento restaurado’³. Esta ideia

³ Richard Schechner, ‘Collective Reflexivity: Restoration of Behavior’. In *A Crack in the Mirror: Reflexive Perspectives in Anthropology*. Editado por Jay Ruby. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1982. pp. 39-81.

designa o trabalho criativo de um realizador de cinema que, na hora de montar o filme, pode cortar as tiras do filme e fazer diferentes junções, alterando a ordem em que as cenas foram filmadas ou, mais do que isso, é na própria montagem ou 'restauração' do filme, transformando a ordem ou o 'comportamento' das coisas, que o próprio significado do filme pode ser construído. Porque a forma de juntar as tiras do filme pode dar diferentes filmes, diferentes histórias, diferentes significados. A autora, neste artigo, utiliza a imagem do tríptico para, por assim dizer, 'restaurar o comportamento' da relação entre o suicídio assistido, como um evento da radicalização dos direitos individuais, numa democracia secular, e a problematização tipicamente religiosa do significado último e do significado único da vida. O tríptico, que constitui um objecto sentencioso da estética religiosa, aparece aqui como uma transsubstanciação entre os limites da arte e os limites da ciência, entre actos sacramentais maiores do que a vida e o direito das pessoas tomarem a sua vida nas suas mãos até ao fim.

Os restantes quatro artigos são, por diversas formas, inspirados pela obra crítica do Professor Carlos Amaral Dias e a influência fecunda do seu pensamento na formação do campo da psicanálise em Portugal. Assim, o texto de Vasco Tavares dos Santos, expressivamente designado 'Em Nome do Pai', é um trabalho de biografia psicanalítica, feito pelo discípulo em relação ao mestre, demonstrando o modo como a maturação do pensamento de Carlos Amaral Dias como psicanalista se encontra relacionada com a integração, na própria vida, de aspectos fundamentais da discussão e do pensamento psicanalítico, numa intensa articulação alternativa entre vida e obra.

De seguida, Ana Vasconcelos faz uma análise poderosa do segundo volume de *Freud Para Além de Freud*. O projecto de Carlos Amaral Dias, nos dois volumes desta obra, é explorar o modo como Freud desenvolveu ideias fundamentais do pensamento psicanalítico em pequenos textos, ou a forma como a arte do pequeno texto se relaciona, no pensamento científico moderno, com a grande narrativa do pensamento crítico. Carlos Amaral Dias segue o mesmo modelo, desenvolvendo, através de pequenos textos, uma expansão crítica de argumentos seminais de Freud. Ao contrário, porém, do estilo do comentário que expande um argumento, mas que, habitualmente, mantém-se no terreno crítico da obra retratada, o estilo de Carlos Amaral Dias, nos dois volumes de *Freud Para Além de Freud*, é sobretudo semelhante ao que José Luis Borges definiu como o livro dentro

do livro, o texto dentro do texto, ou uma imersão sem fim que constitui, na verdade, a expansão do próprio pensamento. Ana Vasconcelos capturou estes múltiplos significados, num artigo sobretudo orientado para a insistência, em *Freud Para Além de Freud. Volume II*, no rigor da linguagem em psicanálise, particularmente no campo das diferenças entre neurose e psicose.

Mario J. A. Santos apresenta um texto em que relaciona a questão da expansão da mente com as teorias da expansão do universo. Num pós-escrito particularmente interessante, o autor descreve como Carlos Amaral Dias o introduziu ao conhecimento do texto de Jacob Arlow, sobre o paralelismo entre a cosmogonia científica e a cosmogonia religiosa. O autor desenvolve, assim, uma comparação entre a perspectiva de Arlow e a sua própria análise das relações entre infinito e finitude, mente e universo.

Catarina Rebelo Neves, no último artigo desta série, propõe uma expansão da Tabela de Bion, relacionando Freud e Bion, o psicótico e o neurótico, e que radica, fundamentalmente, nos desenvolvimentos formulados por Carlos Amaral Dias, em *Tabela Para Uma Nebulosa* (1997) e *Modelos de Interpretação em Psicanálise* (2003), constituindo a 'Tabela revista e modificada por Amaral Dias'.

No seu conjunto, estes quatro artigos são, enfaticamente, tributários da linguagem que Carlos Amaral Dias imprimiu no vigor renovado do discurso psicanalítico, sobretudo no sentido de os psicanalistas terem uma consciência explícita da sua própria linguagem.